

Enid Blyton

AS GÊMEAS

O quinto ano
no Colégio
de Santa Clara

OFICINA
DO LIVRO

1. DE VOLTA AO COLÉGIO

O Colégio de Santa Clara estivera quase deserto durante as oito semanas das férias grandes. Só o barulho das esfregonas, das vassouras e dos esporádicos toques de campainha que anunciavam a chegada de um ou outro fornecedor perturbava o silêncio que se fazia sentir. O gato do colégio tinha tantas saudades das alunas, que passou as duas primeiras semanas a vaguear pelos corredores com um ar infeliz.

Mas a paz estava prestes a terminar. Os autocarros do colégio subiam naquele momento a encosta, apinhados de raparigas risonhas, que tagarelavam alegremente sobre as férias. Santa Clara preparava-se para o início de um novo período.

– Ninguém diria que estamos quase no outono – comentou a Patrícia O’Sullivan com a Isabel, a sua irmã gémea. – Está tanto calor como no pino do verão! Ainda devemos conseguir jogar umas partiditas de ténis este período.

– Se a água estiver limpa, conto dar um mergulho logo a seguir ao lanche – disse a Tó Ellis, que vinha ainda mais sardenta do que o costume.

– Ah, esta Tó! – exclamou a Claudina, a aluna francesa. – Só estás bem a jogar ténis, a nadar, a correr... E já te viste ao espelho? És a rapariga mais sardenta que conheço. Eu cá tive muito cuidado com o sol este verão: não «apanhei» uma única sarda!

As colegas riram-se. Toda a gente sabia que a Claudina tinha um verdadeiro pavor de ficar com a sua pele de porcelana pintalgada de sardas – não que alguma vez lhe tivessem visto alguma.

Mal saíram dos autocarros, as raparigas subiram a correr a escadaria que tão bem conheciam, cumprimentando as colegas aos berros, e não tardou a que houvesse *sticks* de lacrosse espalhados por todo o lado.

– Olá, Ilda! Olá, Joana! Olhem a Carlota! Bem, está preta que nem um tição! Ei, Carlota! Onde é que passaste as férias? Vens muito bronzeada!

– Em Espanha! – contou a Carlota. – Tenho lá família. Diverti-me à grande!

– A Miranda também já chegou! – apontou a Isabel. – Está uma torre! Ao lado dela, a Graça parece um ratinho.

– Olá! Tudo bem? – cumprimentou a Miranda, aproximando-se do grupo.

– Olá, Miranda! Olá, Graça! – responderam as colegas. – Vocês passaram as férias juntas, não passaram? Aposto que se fartaram de jogar ténis e de nadar!

As duas amigas eram excelentes atletas, e a Miranda tinha esperança de se tornar a nova delegada de desporto de Santa Clara, agora que a Ana Thomas deixara o colégio. Quando passara para o quinto ano – dois períodos antes – a Miranda tornara-se o braço direito da antiga delegada e parecia ser a pessoa ideal para a substituir.

– Vamos espreitar a nossa sala? – propôs a Tó. – Ouvi dizer que ia ser remodelada durante as férias.

E lá foram elas, escadas acima, até à enorme sala de aula do quinto ano. Estava, de facto, muito acolhedora e luminosa, pintada de um amarelo suave, e a vista das janelas era fantástica.

– Só ficamos aqui mais este período, e depois passamos para o sexto ano – comentou a Ilda. – É estranho já sermos das mais velhas. Quando cheguei ao colégio, achava que as alunas do quinto e do sexto eram muito adultas. Mal me atrevia a falar com elas.

– Provavelmente, as mais novas pensam o mesmo de nós – disse a Joana. – Já reparei que a maioria foge de mim nos corredores, como se tivesse medo!

– Vejam, a minha irmã Antonieta está ali ao fundo – apontou a Claudina. – Ela veio comigo de França e entrou agora para o segundo ano.

A Antonieta estava parada no meio do jardim e olhava para as novas colegas com muita curiosidade. Era uma rapariga de catorze anos, com cabelo preto e pele de porcelana, parecidíssima com a Claudina. Dava a impressão de ser muito segura de si.

– Não queres ir ter com ela, para lhe mostrar o colégio? – sugeriu a Patrícia. – A coitada deve sentir-se sozinha e desamparada.

– A Antonieta não é dessas coisas – garantiu a Claudina. – É toda despachada, como eu. Somos açúcar do mesmo saco!

– Queres dizer *farinha* do mesmo saco – riu-se a Tó. – Nunca vais atinar com os nossos provérbios! Olhem, lá vai a *Mademoiselle*!

A professora de Francês abria caminho por entre os grupinhos de alunas recém-chegadas, com uma expressão muito ansiosa.

– Anda à procura da minha irmã – calculou a Claudina. – Já não a vê há dois anos. Aposto que vai enchê-la de beijos e abraços e dizer a toda a gente que ela é tão fantástica como a sobrinha Claudina.

Ser sobrinha da *Mademoiselle* tinha tanto de vantajoso quanto de embaraçoso e, naquele momento, a Antonieta parecia bastante desconfortável. Até a tia chegar, entretivera-se a observar as tropelias das colegas inglesas, que andavam a correr umas atrás das outras, aos saltos e aos pinotes – brincadeiras típicas de miúdas, às quais, no entanto, a recatada Antonieta estava pouco habituada.

Mas, de repente, sentiu-se como se tivesse sido engolida por uma avalanche. Dois braços gorduchos quase a estrangularam, e um chorrilho de elogios ternurentos, em francês, encheu-lhe os dois ouvidos. Depois, seguiram-se

duas beijocas repenicadas, uma em cada bochecha, e mais um abraço que a deixou sem fôlego.

– Ah, *la petite* Antonieta, *mon petit chou*! – gritou a *Mademoiselle*, a plenos pulmões.

As raparigas pararam todas de brincar e olharam para elas, muito divertidas: era óbvio que a Antonieta não achava graça nenhuma àquela demonstração pública de afeto e tentava desesperadamente soltar-se dos braços da tia.

Às tantas, a Antonieta viu a irmã, debruçada de uma janela, a rir-se a bandeiras despregadas com a cena, e não deixou escapar a oportunidade:

– Querida *tante* Matilde, acho que a Claudina anda à sua procura – avisou, apontando para a janela. – Agora que a viu comigo, deve estar cheia de ciúmes. É melhor ir cumprimentá-la!

– Ah, a pequena Claudina! – exclamou a *Mademoiselle*, acenando-lhe freneticamente, sem largar a Antonieta. – Já vou aí dar-te um abraço, *ma petite*!

A Antonieta escapou-se no mesmo instante e misturou-se com a multidão de raparigas.

– Estou a ir, Claudina! Estou a ir! – continuou a gritar a *Mademoiselle*, dirigindo-se às escadas.

– É a minha deixa – disse a Claudina, dirigindo-se rapidamente para a porta. – A *Mademoiselle* vai andar encantada este período: agora tem *duas* sobrinhas em Santa Clara!

Quando a pobre *Mademoiselle* chegou, ofegante, à sala de aula do quinto ano, preparada para encher a sobrinha de mimos, já não havia sinal da Claudina.

– Oh, desencontrámo-nos! Mas não faz mal, hei de dar com ela! – garantiu, com um grande sorriso. – Ah, estás de volta, Tó! E a Ângela, a Carlota... Todas as minhas queridas alunas! Vão estudar muito este período, não vão? Estão quase a passar para o sexto ano, certo? É um grande acontecimento.

E, sem mais, a *Mademoiselle* saiu da sala em busca da sua «pequena Claudina», deixando as raparigas perdidas de riso.

– Esta *Mademoiselle* é uma querida – comentou a Ilda. – Nunca a esquecerei, nem que viva cem anos! Já lhe pregámos tantas partidas... Lembras-te das bombinhas de mau cheiro que usaste no quarto ano, Joana? A *Mademoiselle* fez uma cara tão engraçada quando aquele pivete asqueroso lhe chegou ao nariz! Eu ia morrendo de tanto rir!

– Só entrou uma aluna nova este período, pelo menos para o quinto ano – informou a Joana. – Chama-se Ana Maria Longden. Vi o nome dela na lista que está afixada lá em baixo. E a Felicidade Ray passou do quarto ano para a nossa turma.

– Já não era sem tempo – observou a Miranda. – Ela é mais velha do que nós. Deve ser um bocadinho totó.

– Não é, não! – interveio a Graça. – Sabes muito bem que a Felicidade é genial a Música, tu própria o disseste um monte de vezes. O problema é que não se interessa por mais nada. Por isso é que tem tão más notas às outras disciplinas.

– A professora Cornwallis não vai ficar nada satisfeita se ela só se aplicar a Música – opinou a Tó, que já conhecia bem a diretora de turma do quinto ano, a quem as alunas chamavam «a fera». – Aposto que a Felicidade vai aprender mais Geografia, História e Matemática neste período do que em todos os anos que passou na escola!

– Tirando essas duas, não vem mais ninguém para a nossa turma? – perguntou a Miranda.

– Bom, o nome da Alma Pudden também estava na lista, o que é muito estranho – referiu a Joana. – Ela entrou no ano passado diretamente para o sexto, mas, pelos vistos, este período mudaram-na para o quinto.

– É uma pena – lamentou a Tó. – Não gosto nada dela. Devia chamar-se Alma *Pudim*: é gorda, molenga e enfadonha.

– E tem um mau feitio que é obra! – acrescentou a Ilda. – Não deve estar nada satisfeita por ter sido obrigada a andar para trás.

Estavam elas no corte e costura quando a governanta surgiu à porta da sala, acompanhada por uma rapariga esguia.

– Olá, meninas – saudou, com um sorriso bem-disposto. – Fico contente por vos ter de volta, mas ai de vocês que me apareçam com papeira, sarampo, varicela ou algo do género! Bem, não é isso que me traz aqui: quero apresentar-vos a Ana Maria Longden, que entrou agora para Santa Clara.

A Ana Maria sorriu timidamente às colegas. Não era uma rapariga bonita, mas o contraste entre o cabelo louro, muito claro, e os olhos quase negros dava-lhe um ar bastante invulgar.

– Olá – cumprimentou, acanhada. – São todas do quinto ano? Como é que se chamam?

A Ilda, que era a delegada de turma, tratou de fazer as apresentações:

– Estas são as gémeas O’Sullivan, a Patrícia e a Isabel. Daqui a um ou dois períodos, talvez consigas distingui-las – começou. – Esta é a Joana, e esta, a Antónia, mais conhecida por Tó. É fácil reconhecê-la: basta procurares a rapariga mais sardenta do colégio! Tem cuidado com estas duas, porque adoram pregar partidas.

A Ana Maria ia sorrindo, à medida que a Ilda lhe apresentava as novas colegas.

– Esta é a Dora, que consegue imitar qualquer pessoa à face da Terra – prosseguiu a delegada de turma. – Não tarda, está a imitar-te a ti também.

A Ana Maria não pareceu muito entusiasmada com a ideia: achava que a Dora tinha um ar desajeitado e pouco inteligente – não reparou no olhar perspicaz nem na expressão espirituosa da excecional comediante que estava à sua frente.

– Aqui temos a Carlota, mais morena do que nunca... – continuou a Ilda.

– E deixa-me desde já dizer-te, Ana Maria, que cresci no circo e que fazia acrobacias a cavalo – esclareceu

a Carlota, com o seu sorriso atrevido. – Prefiro que saibas por mim do que pela Ângela. Ela nunca perde a oportunidade de alardear a minha *terrível* história.

A Ângela, uma bonita rapariga loura, corou de irritação com o comentário. Era verdade que desprezava a colega desde que descobrira o seu passado circense, mas esperara que ela já não se lembrasse disso: ninguém no seu perfeito juízo queria estar na lista negra da indomável Carlota, cuja língua afiada e temperamento irascível não poupavam quem se atrevesse a pisar-lhe os calos.

Para evitar que estalasse uma discussão, a Ilda apressou-se a intervir:

– Esta é a Ângela, a beldade da turma.

– Ângela, não: *Ilustre* Ângela Favorleigh – corrigiu maldosamente a Carlota. – Não te esqueças do título!

– Cala-te, Carlota! – admoestou a Ilda.

Por breves instantes, uma carranca de raiva ensombrou as feições delicadas da Ângela, mas, logo em seguida, a rapariga atirou uma madeixa de cabelo para trás das costas e saiu da sala sem dizer palavra. Aprendera que, por mais bonita e rica que fosse, jamais conseguiria derrotar a Carlota numa discussão.

– Esta é a Pamela, o cérebro da turma – disse a Ilda, puxando pelo braço uma rapariga franzina com uns óculos de fundo de garrafa. – Ela estuda demais, mas ninguém consegue fazê-la parar.

Nesse momento, a Claudina espreitou à porta, para ver se a tia ainda lá estava.

– Podes entrar – tranquilizou-a a Carlota. – A *Made-moiselle* foi à tua procura para outro lado. Vem conhecer a nossa nova colega. Ana Maria, esta é a Claudina, a ovelha negra da turma. Só estuda o que gosta, consegue sempre o que quer e não olha a meios para atingir os fins. Anda há um tempão a tentar perceber o «sentido de honra inglês», mas até agora não teve grande sucesso.

– Ah, esta Carlota! És mesmo torta – riu-se a Claudina. – Passas a vida a fazer troça de mim. É verdade que não sou uma santa, mas também não sou assim tão má.

De seguida, a Ana Maria foi apresentada à Miranda, à Graça e à Paula, uma rapariga simples que, em tempos, fora tão gabarolas como a Ângela.

– Pronto, já conheces toda a gente – rematou a Ilda. – Bem, tirando a Felicidade, o nosso génio musical, que passou agora do quarto para o quinto, e a Alma Pudden, que andava no sexto ano. Ainda não vi nenhuma das duas.

– Espero que não tenhas nenhum dom espetacular – brincou a Tó. – Com a inteligência da Pamela, a beleza de estrela de cinema que é a Ângela e o talento musical da Felicidade, já temos virtuosas que cheguem na turma. Conto que sejas uma rapariga simpática e normal.

– Mas não sou – respondeu a Ana Maria, corando. – Sou uma poetisa.

Fez-se um silêncio desconfortável: uma poetisa? O que queria ela dizer com aquilo?

– Escreves poesia, é isso? – acabou por perguntar a Tó. – Socorro!

– Ser-se poeta não é uma escolha; nasce connosco – argumentou a Ana Maria. – O meu avô era um poeta famoso, e a minha tia, uma escritora fabulosa. É um talento que nos corre nas veias. Passo a vida a escrever poemas, principalmente a meio da noite.

– Socorro! – repetiu a Tó. – Já tivemos muita gente esquisita aqui em Santa Clara, mas, que eu me lembre, uma poetisa é a primeira vez. Tu e a Felicidade vão fazer uma bela parelha! Ela também se levanta a meio da noite para compor!

– Alice! – gritaram, de repente, as gémeas, quando a viram à porta. – Onde é que te meteste? Tens de conhecer a nossa poetisa!

– Esta é a Alice – apresentou a Patrícia, apontando para a prima, uma rapariga bonita e graciosa. – É a nossa cabeça oca. Só pensa em penteados, cremes e...

Uns anos antes, a Alice teria amuado ou desatado a chorar com uma apresentação daquelas, mas o tempo passado em Santa Clara tornara-a mais forte, por isso ignorou a provocação da Patrícia: limitou-se a dar-lhe um empurrão amigável e a sorrir à Ana Maria.

– Claudina, é melhor pores-te a milhas – avisou. – A tua tia vem aí. Cruzei-me com ela no corredor.

– Já não consegues escapar, mais vale desistires – brincou a Ilda. – Pelo menos dás essa alegria à *Mademoiselle*. Ela adora-te, vá-se lá saber porquê!

– *Ma petite* Claudina! – Ouviu-se nesse instante. – Como é que estás, minha querida? O teu paizinho, a tua

mãezinha e o resto da família, estão todos bem? Já vi a Antonieta! Pobrezinha, parecia tão perdida... Insisto que venham as duas lanchar comigo. Tenho biscoitos e chá à vossa espera. Vá, anda daí!

A Claudina não teve outro remédio senão despedir-se das colegas – que riam a bandeiras despregadas – e deixar-se arrastar pela tia.

– É estranho pensar que a Claudina já está no quinto ano! Talvez lhe faça bem ser das mais velhas. Pode ser que ganhe juízo!

Mas «ganhar juízo» era a última coisa que a Claudina queria. A rapariga francesa só fazia o que bem entendia, quando o entendia, e dizia tudo o que tinha a dizer sem papas na língua – isso nunca iria mudar. Chegava a ser surpreendente que tanta gente gostasse dela!